

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

PARA SALVAR O RIO

CADÊ O BATMAN NESSA GOTHAM CITY?

O Brasil tem sido palco de tantas operações policiais que ninguém mais se espanta ao ligar a TV pela manhã e receber a notícia de que algum político foi visitado pelos agentes da lei. No Rio de Janeiro, então, isso tem sido rotina. Na semana passada, três figuras centrais da política municipal estiveram na mira de ações que podem ter interferência nos resultados das eleições de novembro. O ex-prefeito Eduardo Paes, líder das pesquisas, o prefeito Marcelo Crivella, candidato à reeleição, e a ex-deputada Cristiane Brasil, que também disputará a corrida, foram os “alvos” dessas operações.

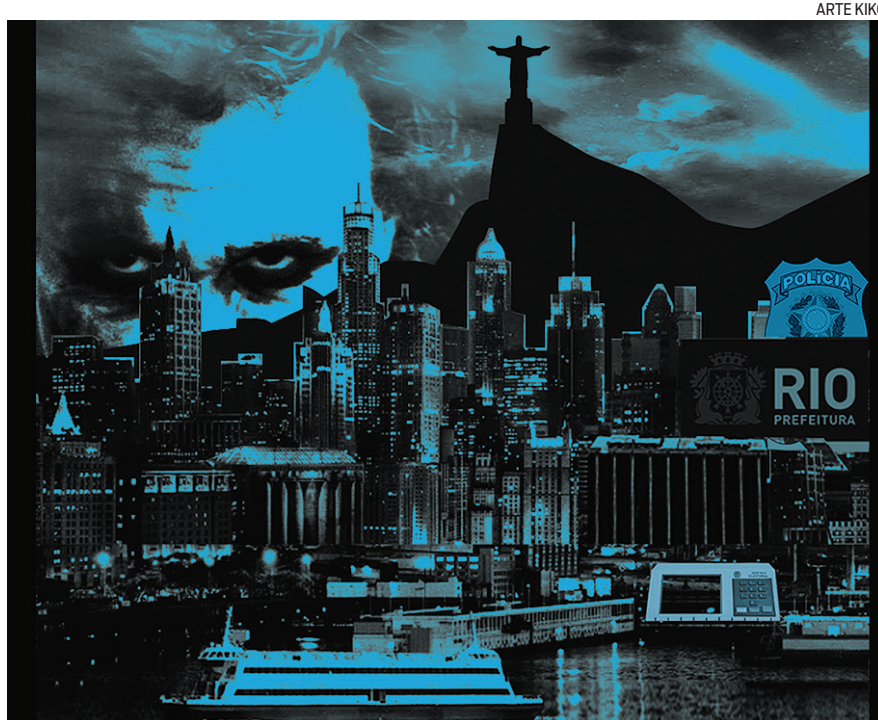
Ter três candidatos à prefeitura na mira de operações rumorosas justo no momento em que a campanha eleitoral começa a dar os primeiros sinais de vida é grave. Por um lado, isso pode indicar o esforço saudável da Justiça, do Ministério Público e da Polícia Civil de separar o joio do trigo antes que o eleitor tenha que ir às urnas escolher seu candidato. Por outro, pode se tratar, como disseram os três candidatos alcançados pelas operações, de uma tentativa de se apoiar nas ferramentas legais para manchar suas imagens e, com isso, interferir indevidamente no processo. Os especialistas dão a esse movimento o nome de lawfare — que, numa tradução livre do inglês, significa “guerra jurídica”. O uso excessivo desse recurso é nocivo e dá ao eleitor a impressão de que a política é, em si, uma atividade espúria.

GOTHAM CITY

Ninguém ignora que o Rio de Janeiro se tornou, nos últimos anos, terreno fértil para mal feitos praticados por políticos. É como se víssemos numa espécie de Gotham City, onde todos fazem o papel do Coringa, do Pinguim ou do Charada — mas nunca aparece um Batman para por ordem na casa. Não há como negar: a corrupção existe. Mais do que isso, ela parece ter se tornado endêmica na administração pública e seria ótimo que houvesse uma força capaz de coibir os abusos e corrigir as irregularidades. Isso seria digno de aplausos.

O Ministério Público e a Justiça têm enfrentado o problema e é impossível não reconhecer que era muito mais fácil ser corrupto num passado recente do que nos dias atuais. O problema é que, em alguns casos, fica a impressão de que as operações têm motivações que não se resumem a averiguar irregularidades e punir desvios de conduta. Elas revelariam, na verdade, a intenção deliberada de interferir no resultado eleitoral. Isso é perigoso. Entregar nas mãos da Justiça o poder, que é do povo, de escolher quem serão os governantes é o mesmo que entregar ao povo o poder, que é da Justiça, de decidir sobre a culpa ou a inocência dos acusados. A impressão inicial, num caso e no outro, pode ser reconfortante mas o resultado

final costuma ser desastroso. A imagem que fica, com tanta operação policial mirando políticos, é a de que não existe uma única pessoa competente e honesta o bastante para governar a cidade e o estado. Nesse caso, a solução para os problemas políticos do Rio precisam ser buscados fora da política — e essa decisão pode produzir a equívocos enormes. Basta olhar, por exemplo, para o caso do governador afastado Wilson Witzel. Durante a campanha que o elegeu, ele foi beneficiado por uma operação policial desferida contra seu principal adversário, o mesmo Eduardo Paes que agora disputa a prefeitura. No final, nada ficou provado, mas a Inês, então, já era morta. Witzel, se elegeu como o ex-juiz federal “de fora da política”, que colocaria o estado nos eixos,



ARTE KIKO

hoje precisa se defender de acusações parecidas com aquelas que, durante a campanha, ele lançava contra os adversários.

INTENÇÃO DELIBERADA

Os atingidos só se tornarão inelutáveis caso venham a ser condenados em segunda instância. Por enquanto, o que existe contra eles são “indícios” e é justamente isso que abre espaço para dúvidas. Os fatos sob investigação, no que diz respeito a Paes e Cristiane Brasil, são antigos, de 2012. Ou seja, houve tempo de sobra para se apurar as suspeitas antes que os dois se lançassem candidatos à prefeitura. Pode-se dizer em favor dos investigadores, que o caso de Paes tramitava no STF e só passou a ser da competência da Justiça estadual em maio de 2019 — e que os docu-

mentos do processo só chegaram ao Ministério Público estadual em maio deste ano. Ainda assim, dada a relevância do caso, não há justificativa razoável para a operação só ter acontecido na semana seguinte à oficialização da candidatura.

O mesmo raciocínio se aplica ao caso de Crivella. Se há, como garante o MP, indícios de “um suposto QG de propinas” montado na prefeitura, por que agir só depois da oficialização da candidatura à reeleição? E, mais do que isso, dois dias depois da operação que mirou seu principal adversário? São, ob-

“Ter três candidatos na mira de operações quando começa a campanha eleitoral é grave”

viamente, dúvidas para as quais a Justiça e do Ministério Público precisam ter respostas convincentes, sob risco de atrair descrédito para suas ações.

Neste momento, seria nocivo para o próprio sistema de investigação se ficasse comprovada a intenção deliberada de interferir no único momento em que um cidadão, independentemente de posição social, credo, raça ou grau de instrução, tem exatamente o mesmo peso do outro. Esse momento, claro, é o instante decisivo em que, protegido pelo sigilo da cabine de votação, ele escolhe quem ele deseja que o governe pelos quatro anos seguintes.

(Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno_vcclis)

OPINIÃO

A história de um amor



Gabriel Chalita
professor e escritor

Era inverno, mas o sol não havia se intimidado. No apartamento decorado por histórias, o calor da conversa respeitava o calor do dia. Tarcísio e Ruth se entreolhavam nas pausas das narrativas sobre o que viveram. “No ano que vem, celebraremos 70 anos de casados”, pronunciou Ruth com a elegância dos que sabem que escolheram o certo. Tarcísio sorriu. E fez com que suas mãos se encontrassem. E se olharam como sempre. E sorriram apaixonados.

Tarcísio Padilha é um dos maiores intelectuais do Brasil. Um filósofo que amplia consciências, que inspira novas ge-

rações a não ter medo ou preguiça do pensar.

O apartamento é preenchido por livros, por fotografias de tempos e de sentimentos. Por nascimentos e despedidas. O café está na temperatura certa. Entorno a xícara, vendo a fumaça que sai. E penso no simbólico do fogo. Nos mitos antigos, o mar geralmente simbolizava a horizontalidade do mundano. E o fogo, a verticalidade do sagrado. Sócrates, em um diálogo platônico, aparece falando sobre um homem encontrado no mar, depois de tempos, irreconhecível. Significando que a matéria, se nos afogarmos, retira a nossa essência.

A essência de Ruth e Tarcísio é o amor. E, em uma história de amor, a verdade sobressai à aparência. Vivem a horizontalidade do respeito cotidiano, abraçados à verticalidade do que os eleva, do que os faz permanecerem juntos em qualquer estação.

Conta ela sobre os feitos do marido. Sobre as viagens. Sobre os dias divertidos. Ele ouve sem interromper. Conhece a semântica da escuta. Ninguém chega aos 70 anos de enlace sem ouvir. Fala ele sobre ela. E os olhos espelham sentimentos de gratidão. Fez, também, a escolha certa.

“Abandonamos por alguns instantes a prosa e respiramos o cheiro que vinha do mar”

Julio Lellis, um cultivador de grandezas, um costurador de sonhos, acompanha a prosa. Orgulhoso de estar ali. Com os dois. Comigo. Em um inverno cheio de sol. Penso na efemeridade dos ins-

tantes e na permanência do sagrado. Os ponteiros prosseguem. O café se apresentou às 3 da tarde. E um badalar de algum sino me avisava que já eram 6. Era preciso partir. Três horas se passaram sem que nos preocupássemos com nada além de homenagear a palavra. A requintada criação humana que tem o poder de nos aproximar da criação maior, que não foi obra nossa, mas da qual participamos.

Não somos nós que decidimos a duração dos dias. Não temos nós o poder de estacionar as horas para prosseguirmos nos aquecendo de café e de sabedoria. Temos, entretanto, o poder dos acúmulos necessários. Há um recipiente em nosso interior, que responde pelo nome de memória e que sacraliza os humanos momentos que nos inspiram na busca da elevação.

Nas calçadas que nos serviram de testemunha, conversei com Julio sobre os dois, Ruth e Tarcísio.

Sobre o que aprendi. Sobre o que contrastei com tantos verbos que vêm me incomodando no inverno das relações humanas: descartar, desprezar, desrespeitar, humilhar, agredir, não amar.

Abandonamos por alguns instantes a prosa e respiramos o cheiro que vinha do mar, de um Rio de Janeiro aguardando a primavera. Julio me falou de outros escritores e de outros textos. Eu falei do amor que faz com que escritores escrevam textos que permanecem. Inclusive na dor. Inclusive com sangue se, por acaso, as doridas feridas prosseguirem abertas.

Pensei na história de amor dos meus pais. E em outras histórias que os dias me apresentaram conhecer. A humanidade não está perdida. Concluí o dia, agradecendo. No inverno é possível experimentar o milagre do calor. Os olhares dos dois, vitoriosos sobre o tempo, permanecem em mim.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

EDITOR-CHEFE
Alexandre Medeiros

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica Gerência Industrial: 3891-6002 Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoas@odia.com.br

Classificados: 2532-5000/2222-8652/2222-8653/2222-8654/2222-8655/2222-8656 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2º andar, Lapa- CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).